

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

UM ESTUDO DESCRITIVO PRELIMINAR DOS SEMEMAS DAS LÍNGUAS PARINTINTIN E ZORÓ PARA ANIMAIS DA FAUNA BRASILEIRA

Águida Aparecida Gava
UNESP

guidag@gmail.com

Maurizio Babini
UNESP

maurizio@ibilce.unesp.br

Celso Fernando Rocha
UNESP

celso@ibilce.unesp.br

Área temática: *Estudios interdisciplinarios sobre interculturalidad*

Resumen

No Brasil, existem aproximadamente 200 línguas indígenas, dessas algumas não foram descritas. *Grosso modo*, há dois troncos linguísticos (Tupi e Macro Jê) e existem famílias linguísticas ou línguas que não apresentam semelhanças suficientes para serem agrupadas nos troncos linguísticos conhecidos. O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo descritivo e contrastivo em relação aos sememas que descrevem os animais da fauna brasileira das línguas Zoró e Parintintin baseado nos conceitos onomasiológicos. Com relação ao aporte teórico adotado, apoiamos-nos em Babini (2001), Barbosa (2002), Lisboa (2008) e Kurovski (2009). A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica e comparação entre sememas das duas línguas com a língua portuguesa. Podemos mencionar que há elevado grau de diferenciação entre o português e as duas línguas estudadas. Como exemplo, pode-se mencionar que para o falante do português os sememas para "peixe pintado" seriam: "peixe e água doce", "peixe de carne saborosa", "peixe de couro" enquanto que o semema da língua zoró para o mesmo peixe seria "causa a hepatite". No caso do parintintin os sememas foram avaliados a partir do sistema exogâmico, que divide todos os seres e objetos em duas categorias: *Mytŷ* e Kwandu (pássaros da Amazônia brasileira), tal classificação é levada em consideração na escolha do alimento que será consumido. Dessa forma, verificou-se que os sememas indígenas para animais representam, primordialmente, fonte de alimento e sobrevivência, e, também, estão correlacionados às questões cosmogônicas e culturais. Por sua vez, os sememas de animais para o homem lusófono focam os aspectos visual e preservacionista. Por fim, cabe salientar que o estudo é preliminar e os dados levantados serão empregados para a construção de um glossário onomasiológico da fauna brasileira.

Palabras clave: lingüística antropológica – etnoterminología – Zoró – Parintintin - Português

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Introdução

No Brasil, existem aproximadamente 200 línguas indígenas, agrupadas em dois troncos linguísticos (Tupi e Macro Jê) e existem ainda famílias linguísticas ou línguas que não apresentam semelhanças suficientes para serem agrupadas nos troncos linguísticos conhecidos. O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo descritivo e contrastivo em relação aos sememas que descrevem os animais da fauna brasileira das línguas Zoró e Parintintin baseado nos conceitos onomasiológicos.

Inicialmente questionamo-nos se um termo utilizado para representar a fauna brasileira possui o mesmo significado semântico para realidades socioculturais distintas, como é o caso dos brasileiros falantes do português (L1¹), e dos brasileiros indígenas falantes das línguas Parintintín e Zoró em L1. As quais compartilham o mesmo tronco linguístico Tupi, mas são oriundas de famílias linguísticas diferentes, a Tupi Guarani, e Tupi Mondé, a saber.

Com relação ao aporte teórico adotado, apoiamo-nos em Babini (2001, 2006a, 2006b), Barbosa (2002, 2006), Kurovski (2009), Lisboa (2008) e Pottier (1985, 1987, 1992). A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica e comparação entre sememas das duas línguas com a língua portuguesa. Ponderaremos sobre as diferenças entre o Português, o Parintintín e o Zoró.

Por fim, cabe salientar que o estudo é preliminar e os dados levantados serão empregados em estudos futuros mais aprofundados.

Aporte Teórico

De acordo com Pottier (1992), os sujeitos mudam frequentemente de posição no discurso, ora como emissores, ora como receptores, transpondo, então, o percurso onomasiológico, quando há a intenção de dizer ao enunciado, e o percurso

¹ L1 – Língua materna

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

semasiológico, quando o sujeito parte do enunciado para chegar à sua interpretação, variando de acordo com o ponto de vista do enunciador (emissor) ou do interpretante (receptor). Para o autor, as virtualidades da língua correspondem ao sistema semiótico da língua e aos mecanismos de enunciação que permitem as realizações discursivas. E, a passagem da conceptualização à semiótica se dá pela caracterização do fenômeno de designação, por onde se estabelecem as relações entre o mundo referencial e os sistemas das línguas naturais.

Já o enunciador tem como ponto de partida o mundo referencial (R). Quando tem a intenção de dizer (*querer dizer*), começa a conceptualizar sua intenção (Co). Essa conceptualização deve, então, ser expressa em signos, em um processo de semiótica, que se realiza pelos meios fornecidos por um sistema semiótico.

Para Babini (2006b, p.73), a enunciação é a passagem das virtualidades da língua aos discursos realizados, portadores de significação, e se dá por meio do que Pottier chama de *fenômenos de significação*, que são os fenômenos pelos quais os significados da língua se tornam significações em discurso.

No percurso semasiológico, a interpretação chega ao conceito a partir do signo e parte do discurso realizado (texto oral ou escrito) para chegar à compreensão.

Desse modo, é através da identificação e interpretação de diferentes elementos presentes no discurso que o interpretante busca compreendê-lo (*fenômeno de interpretação*).

Para Babini (2006b, p.74), o processo de compreensão de um discurso (ou texto) se dá através da identificação e interpretação dos diferentes elementos discursivos que o compõem. Dessa maneira, o interpretante esquematiza-o através de uma representação mental, conceptualizando-o. E, então, o interpretante depreende-se rapidamente dos signos da língua natural que ele identificou inicialmente, pois estes configuraram apenas como trampolim para a ocorrência da compreensão e reação (Reações eventuais) ao mundo referencial (R).

Como o conceito pode representar o ponto de partida para o enunciador e o ponto de chegada para o interpretante, Pottier defende que o mundo referencial (R) não deve ser o objeto representativo do ponto de partida e chegada dos dois discursos, pois para ele o mundo conceitual deve assumir tal papel (POTTIER, 1992, p.18). E, para ele, o mundo conceitual (Co) é caracterizado como o lugar da

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

representação mental e sede da encenação, sendo independente das línguas naturais e dos sistemas semiológicos.

A língua, para o autor, é a ponte do saber através da qual se realizam:

- a) A transformação das representações mentais em signos e em esquemas (no caso do percurso do enunciador – onomasiológico);
- b) E a interpretação (no caso do percurso do interpretante – semasiológico).

Dois tipos de conceitos permitem realizar a encenação: os conceitos gerais e os conceitos universais, osnoemas (POTTIER, 1992, p. 78).

O autor caracteriza um noema como uma relação abstrata universal que sustenta as operações semânticas gerais das línguas, de caráter visual, que se aproxima o máximo possível da intuição de uma representação mental comum (Pottier, 1992, p. 78).

Sendo, então, o noema um traço de sentido no nível do conceptual e que é independentemente de qualquer língua natural (LN), absoluto, e não relativo a um conjunto como será o sema. (BABINI, 2006b, p. 78).

Os *noemas* são representações relacionais, abstraídas das experiências, mas cujo traço linguístico assume formas muito variadas nas LN, subjazendo às operações semânticas gerais das línguas, e é visualizável a fim de aproximar, o máximo possível, da intuição de uma representação mental compartilhada.

Já os semas são vistos pelo autor como elementos distintivos de um conjunto e sempre analisáveis em noemas e serão tratados no próximo item.

A *lexemização* é realizada através de conceitos gerais e de noemas. E, o plano conceptual, que é caracterizado por noemas é, então, considerado pelo autor, como traços de sentido absoluto, evoca para si, por sua vez, a condição de absoluto e independente de qualquer língua natural, ou seja, as maneiras de compreender e conceptualizar seriam as mesmas para cada língua, cultura e indivíduo.

Para Babini (2006b, p.78), o plano conceptual de cada indivíduo é determinado, de certo modo, por influência própria a cada cultura e que não serão, obrigatoriamente, os mesmos, em todas as línguas e culturas. Por esta razão, também o plano conceptual torna-se relativo e condicionado pelas dimensões espaço-temporais como, também, o plano da língua.

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

A relevância dos conceitos gerais e universais de Pottier para o nosso trabalho está no princípio da conceptualização que cada indivíduo assume diante das influências socioculturais.

Isto porque, a representação do mesmo animal para os falantes que possuem a línguas indígenas como L1 podem ser distintas. Isto é, a representação mental que um falante lusófono (L1) tem de um animal pode não ser totalmente compartilhada pelos falantes indígena (L1).

Por exemplo, para a criança lusófona o jacaré possui valores iniciais de animal perigoso, feio, de rabo comprido, de boca grande, enquanto que a percepção inicial da criança indígena pode ser a de que o jacaré é um animal sagrado e de carne saborosa.

Um semema é o resultante de vários semas que juntos formam um significado global de um lexema que, por sua vez, é constituído de palavras de mesma classe morfológica, distribuídas de forma complementar nas quais a diferença situa-se unicamente nos sufixos e indivisível em unidades menores.

Como exemplo de lexema, podemos citar as variações do verbo cantar, cantei, cantarei, canto, e a palavra cantor.

A diferença entre o semema e o lexema reside no fato de que o semema representa o conteúdo semântico do lexema, sendo o lexema uma unidade de mais alta categoria pelas informações lexicais agregadas (POTTIER, 1987 p. 61).

O sema representa uma unidade mínima de significação dentro de um campo semântico, que não se realiza fora do campo lexical. Sua presença consiste na ausência ou distanciamento de outros semas e sua função é estritamente relacional e não substancial, sendo que ele poderá se relacionar a elementos constituintes de sememas distintos (Pottier, 1987, p. 60). Como exemplo, o semema <cadeira>, possui os semas:

- ✚ "para sentar",
- ✚ "com pés",
- ✚ "com encosto",
- ✚ "sem braços".

Identidades dinâmicas: variação e mudança em espanhol da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Em Carlos Ceia (2010), encontramos uma análise sémica no exemplo de [p] e [b], que o autor remete a Pottier (1985), para os quais os traços comuns são: "bilabialidade" e "oclusividade", que os distinguem de outros signos, mas em [p] encontramos uma consoante surda enquanto que em [b] uma consoante sonora. Da mesma maneira, "boi" e "vaca" possuem traços comuns que os distinguem de outros signos, mas são opostos se considerarmos "macho" e "fêmea" assim como "galinha" e "cadeira" se opõem em "ser animado" e "ser inanimado".

De acordo com Pottier, os semas são de dois tipos: denotativos e conotativos. Por denotativo entendem-se os semas que determinam "de uma maneira estável e com ampla aceitação social a significação de um signo". Eles se subdividem em semas específicos, aqueles que permitem distinguir semas vizinhos e, semas genéricos, que indicam "uma categoria geral" (Pottier, 1985, p. 29).

Os semas conotativos caracterizam-se pela "maneira instável e frequentemente individual à significação de um signo (Pottier, 1985. p. 30)".

Alguns exemplos dos semas existentes para a fauna brasileira são (L1: Português): "mamífero", "tem rabo", "tem asas", "come planta", "herbívoro", "bota ovo", "tem escamas", entre outros.

A princípio, entendemos que os semas empregados a um termo podem ser oriundos de valores particulares de cada língua. Nas culturas indígenas, as questões de relevância para os sememas transmitem valores míticos, alimentares, culturais, os quais são intrínsecos às questões de sobrevivência, crenças ancestrais e valores socioculturais. Por exemplo, o cavalo, o boi e o cachorro são vistos como animais exóticos para a cultura Karitiana. O peixe pintado pode ser visto como "peixe saboroso" na cultura lusófona, mas de acordo com a cultura Zoró, é um peixe que "causa a hepatite".

Então, para o falante do português, os semas para peixe pintado seriam: "peixe de água doce", "peixe de carne saborosa", "peixe de cor"; ao passo que o sema da língua zoró: "peixe que causa a hepatite", não faria sentido para a cultura lusófona.

Destarte, para considerarmos um termo é necessário percebermos o sistema em torno, a cultura, a especialidade e a sociedade, o que nos remete a Etnoterminologia, intrinsecamente ligada ao fator indígena.

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Etnoterminología

Em uma concepção ideal de língua, os elementos apresentam como propriedade fundamental a referência de um objeto, mediante a função que ele exerce na enunciação. Todavia, a enunciação partirá do interlocutor e a compreensão do elemento enunciado estará sujeita à visão de mundo do ouvinte.

A percepção do que foi dito desencadeará um processo de conceptualização no qual, *grosso modo*, se pensaria na equivalência entre o que o interlocutor diz e o que o ouvinte assimila. No entanto, Barbosa (2002) expõe que uma informação potencial, para os homens, se converte em substâncias estruturadas, quando apreendida por grupos linguísticos e socioculturais de diferentes maneiras, embora mantenham um núcleo de percepção biológica universal.

Por isto, a relação de equivalência é discutível e dependerá de qualidades conceituais internalizadas anteriormente, influenciadas por tais grupos e, possivelmente, oriundas de diferentes níveis do percurso gerativo da conceptualização.

De acordo com Pais (1994), nós consideramos que a percepção das ocorrências em torno será culturalmente filtrada e orientada por recortes culturais pré-existentes (PAIS, 1994, p.170).

O processo de conceptualização compreende três estágios semânticos (BARBOSA, 2002):

As latências: nas quais o fato observável tem os seus traços identificadores em estado potencial, enquanto substância de conteúdo estruturável, apreensível; trata-se, então, do estado semântico potencial.

As saliências: nas quais os traços semânticos se destacam.

E **as pregnâncias:** nível em que o enunciador individual e/ou coletivo seleciona e escolhe os traços que configuram o conceito do fato em questão. É neste nível que a influência /intervenção da cultura de cada um agirá em sua decisão semântica.

No nível da pregnância é que são produzidos os modelos mentais, os *conceptus*, noções ou conjuntos noêmicos, que são os traços semânticos conceituais, correspondentes aos recortes culturais construídos.

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Esses três estágios, que compreendem a percepção, desde o início ao final da conceptualização, estabelecem o *percurso da cognição*, entendidos como a apreensão e construção de uma 'visão de mundo'.

Para a autora, as unidades lexicais são plurifuncionais no nível do sistema. Então, o estabelecimento preciso de sua função dependerá de sua inserção em uma norma discursiva, que determinará o estatuto de vocábulo ou termo (BARBOSA, 2006, p.49).

Dessa forma, a autora considera a passagem do termo para o vocábulo, quando um termo utilizado por uma língua de especialidade se torna parte da língua geral, e exemplifica com o termo *entrar em órbita*. O inverso, quando uma palavra da língua geral é estendida a termo para uma língua de especialidade, também é apontado pela autora no termo *peregrinismo*, "que, na língua comum, significava *ir em romaria* e, nas ciências da linguagem, passou a significar "emprego de vocábulo estranho à língua vernácula, estrangeirismo" (BARBOSA, 2006, p. 49).

Por último, a autora pontua ser necessário ir ao encontro do entendimento e da familiarização com o contexto, para que ocorra a compreensão do pensamento e do sistema de valores da cultura em questão, expressos em uma "linguagem paralela" que, apenas inserida no contexto, poderá ser interpretada corretamente:

É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente. (BARBOSA, 2006, p.50)

A autora observa a importância do valor semântico social:

Tais linguagens lexicais reúnem qualidades das linguagens de especialidade e qualidades da linguagem literária apoiadas em um molde próprio de valor semântico social, em concomitância com o importante processo histórico de uma cultura (BARBOSA, 2006, p. 48).

Verificamos a existência das relações intertextuais e interdiscursivas que admitem um intercâmbio multidisciplinar. Consideramos, então, como fator determinante o *conhecimento de mundo* na comunicação entre o sujeito interlocutor e

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

o sujeito ouvinte, tanto na língua comum como nas línguas de especialidade e as diferenças socioculturais que subjazem à sistemática em torno da língua e sua representatividade.

Portanto, seja no vocabulário comum ou em áreas de especialidade, a língua possui movimento próprio. Fazendo uma implicação entre a língua e o cavalo, animal de instinto próprio, poderemos “ter as rédeas” do animal e com elas o comando: entretanto, se o instinto do animal lhe disser para fazer outra coisa, ele fará.

A seguir, apresentaremos um estudo preliminar sobre semas e sememas em duas línguas indígenas: o Zoró e o Parintintín.

Semas em Língua Zoró

Na literatura estudada, em Lisboa (2008, p. 58), deparamos-nos com alguns sememas da língua Zoró que descrevem alguns atributos onomasiológicos para animais, correspondentes à sua função alimentar e ao seu consumo. São eles:

- ✚ Anta: Muito consumido
- ✚ Cutia: Muito consumido.
- ✚ Macaco: Muito consumido, caçado quando as frutas da floresta estão maduras (novembro a maio). Espécies caçadas: Macaco preto (*Ateles* sp.), Macaco prego (*Cebus apella*),
 - Macaco Barrigudo (*Lagothrix lagotricha*): pouco consumido;
 - Macacos Machos: O seu consumo “provoca cansaço nas pessoas”
- ✚ Porcão: Muito consumido, muito apreciado, possui uma festa religiosa ligada a ele: *A festa do bebej*.
- ✚ Jacaré: Muito consumido, possui caráter religioso. O consumo do jacaré encerra um sentido religioso para os Zoró, durante o ritual do *gujanej*, quando o *wawã* (pajé) faz a bênção com o espírito dos jacarés, para aqueles que os trazem vivos durante esta festa religiosa.
- ✚ Paca (Agouti paca): Estraga os dentes. Só os velhos consomem.
- ✚ Peixe Pintado (*Pseudoplatystoma* sp.): Causa hepatite.

Identidades dinâmicas: variação e mudança em espanhol da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

- ✚ Aves: muito consumidas. Espécies preferidas: Nambu (Tinamussp.), mutum (Mitu sp.), jacamim (Psophia sp.) e macuco (Crypturellus sp.).
- ✚ A arara (ara sp.) e papagaio (Amazona sp.): Provocam canseira nas pessoas. A explicação para o caso das araras e papagaios é que eles têm boca seca, o que também irá secar a boca das pessoas tornando-as cansadas.
- ✚ Gavião Real (Harpia harpija): Muito caçado para retirar as penas para a confecção de cocares, é consumido apenas pelos velhos. O homem que matou essa ave não come sua carne. O gavião morto não era mostrado aos jovens em função da beleza de suas penas, pois provocariam em jovens um desejo exagerado pelas coisas dos outros e ao se casar desejaria a mulher do outro e em consequência, abandonaria a sua.
- ✚ Tracajá: Muito consumido. O consumo desse animal está relacionado aos seus ovos, que são coletados nos areais que se formam nos rios durante a seca.

Semas em Língua Parintintín

Na cultura indígena Parintintín, o sistema exogâmico propicia a composição de semas que indicam novas organizações onomasiológica para termos da fauna brasileira e de outros universos.

De acordo com o sistema das duas metades patrilineares, os Parintintín estão inseridos e repartidos em duas categorias baseadas em nomes de pássaros, Kwandu (gavião) e MytyNhagwera (mutum), dos quais se originam os Parintintín Kwandu e os Parintintín Myty. Juntamente com o nome, os Parintintín também recebem as características dos pássaros intituladores das metades.

A condição de Kwandu (gavião) ou Myty (mutum) estende-se para os seres, plantas, objetos e utensílios. E, de acordo com a classificação de Kurovski (2009, p. 66), temos os seguintes atributos onomasiológicos:

- ✚ São animais Kwandu:
 - Aves: Urumutum, Urucu, Premu, Inhambu Grande, Jacu
 - Mamíferos: Macaco Barrigudo, Queixada

Identities dinámicas: variação y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

- Peixes: Traíra, Matrinxão, Jatuarana

✚ São fontes de Alimento Kwandu: Queixada.

✚ São animais Mytǔ:

- Pássaros: Arara Canindé, Japu, Tucano, Galinha, Jacamim (pássaro).
- Mamíferos: Macaco Prego, Cachorro
- Peixes: Surubin, Tucunaré
- Inseto: Borrachudo

✚ São fontes de Alimento Mytǔ: Caititu, Anta, Paca.

Outros elementos onomasiológicos utilizados pelos Parintintín, que identificam e fazem relação ao sistema de metades exogâmicas a que pertencem os animais, são as oposições:

✚ Cor clara (Jacu, Gavião)

✚ Cor escura (Anta, macaco prego)

✚ Alto

✚ Baixo (Cachorro)

✚ Voa baixo ou pássaro que vive na terra (como galinha, Mutum – Mytǔ)

✚ Vive na aldeia (Mytǔ: cachorro, galinha, macaco prego)

✚ Voa alto ou vive no céu (Kwandu)

E ainda, em relação aos hábitos alimentares, baseados no sistema das metades:

✚ Animal que pode ser comido por Kwandu ou fonte de alimento Kwandu (Queixada)

✚ Animal que pode ser comido por Mytǔ ou fonte de alimento Mytǔ (Paca)

Considerações Finais

Nossos estudos preliminares apontaram diferenças entre as características semânticas no Português, Parintintín, e Zoró. No caso do Parintintín os sememas foram avaliados a partir do sistema exogâmico, que divide todos os seres e objetos em duas

Identidades dinâmicas: variação e mudança em espanhol da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

categorias: *Myty* e Kwandu (pássaros da Amazônia brasileira), tal classificação é levada em consideração na escolha do alimento que será consumido.

Para os Zoró encontramos semelhanças com os Parintintín em alguns aspectos alimentares, mas diferenças relacionadas às questões culturais e cosmológicas.

Desse modo, verificamos que os sememas indígenas para animais representam, primordialmente, fonte de alimento e sobrevivência para ambas as línguas, e também estão correlacionados às questões míticas e socioculturais. Por sua vez, os sememas de animais para o homem lusófono focam os aspectos visual e preservacionista.

Portanto, considerando o caráter preambular de nosso estudo e, dada a disparidade entre os sememas das línguas estudadas, apontamos a necessidade de se considerar fatores, tais como geografia, cultura, sociedade, cosmologia. Posto que, os termos utilizados para representar a fauna brasileira possuem características semânticas peculiares para cada cultura, acordadas por medidas etnoterminológicas inerentes em todas as sociedades.

Referências bibliográficas

BABINI, Maurizio. 2006^a. "Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos" Em: *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 38-41, abr./jun. 2006.

_____. 2001. *Proposition d'un nouveau modèle de dictionnaire terminologique onomasiologique*. São José do Rio Preto: Beatriz.

_____. 2006b. *Reconhecimento de padrões lexicais por meio de redes neurais*. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira.

BARBOSA, Maria Aparecida. 2006. "Para uma etnoterminologia: recortes epistemológicos" Em: *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 48-51. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 dez. 2011, abr./jun. 2006.

_____. et al. 2002. "Modelos em lexicologia, lexicografia e terminologia: a construção do conceito e da definição" Em: *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 31, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/GT13.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

CEIA, Carlos. 2012. *E-Dicionário de Termos Literários: Sema*. Disponível em: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=264&Itemid=2. Acesso em: 03Jan. 2012.

LISBOA, Francisco Tarcísio. 2008. *A conquista da escola zoró, o desenvolvimento e os índios: educação, cultura e cidadania*. Dissertação (Mestrado)-Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

KUROVSKI, Angela. 2009. "Distantes e próximos: um estudo sobre as metades exogâmicas Kagwahiva Parintintín" Em: *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 61-83, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/viewFile/8276/5252>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

PAIS, Cidmar Teodoro. 1994. "O percurso gerativo da enunciação: produtividade léxica e discursiva" Em: *Confluência*, Assis, v.3, p. 162-181. Número especial.

POTTIER, Bernard. 1985. *Linguistique générale: théorie et description*. Paris: Klincksieck.

_____. 1992. *Sémantique générale*. Paris: PUF.

_____. 1987. *Théorie et analyse en linguistique*. 2. ed. Paris: Hachette.